

A RUÍNA DA CASA E A DECOMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA

Kelly dos Santos Moreira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rita Felix Fortes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: O presente estudo objetiva analisar a relação entre a ruína da casa e a decomposição da família Meneses, no romance *Crônica da casa assassinada*, publicado por Lúcio Cardoso em 1959. A tragédia da família Meneses ocorre pelo fato de eles não tentarem realizar a passagem de família patriarcal, para família moderna burguesa. Portanto, não conseguem se adaptar ao seu tempo histórico, o que causa o seu fim. Para fundamentar esta análise serão utilizados os postulados de Gilberto Freyre (2000), Antônio Candido (1951) e Mariza Corrêa (1994).

Palavras-chave: Ruína; decadência; *Crônica da casa assassinada*

Crônica da casa assassinada: a ruína da casa e a decomposição da família

No romance *Crônica da casa assassinada*, publicado pelo mineiro Lúcio Cardoso em 1959, o autor apresenta como protagonista a família Meneses, formada por indivíduos que não conseguem se adaptar ao seu tempo histórico e, não tentam realizar a passagem de família moldada nos parâmetros patriarcais para família moderna burguesa. Essa inadaptação produz a tragédia do clã familiar Meneses e sua ruína financeira, ética e moral.

No romance em análise, Lúcio Cardoso reproduz os aspectos degradantes da decadente família patriarcal a partir do último quartel do século XIX e primeiras décadas do século XX. O paradigma sociológico desse modelo é a obra de Gilberto Freyre como um todo, mas com principal destaque para *Sobrados e Mucambos* (2000), livro no qual Freyre se atém à passagem da família patriarcal rural, que gravitava em torno dos engenhos, para a família



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

urbana, reduzida em seu poder e circunscrita aos espaços dos sobrados. Embora decadente, na família do sobrado continuou a imperar o poder do patriarca, que geria os negócios e ainda tinha grande ascendência sobre a esposa, em geral submissa, sobre os filhos, normalmente também submissos às ordens do *pater familias* e sobre escravos e agregados. Essa é uma ideia generalizada do conceito patriarcal de família. Existiram, entretanto, muitos grupos familiares que destoaram dessa regra geral, inclusive houve muitas matriarcas que, por necessidade ou por questão de personalidade, trouxeram para si o comando dos negócios familiares, porém, via de regra, ao se falar de família patriarcal, é esse o modelo recorrente encontrado. Porém, a literatura não é mero reflexo da estrutura social, literatura é ficção e também apresenta essa particularidade de modificar e ser modificada pelas mudanças ocorridas na sociedade.

Embora, indiscutivelmente, Lúcio Cardoso tenha se pautado no modelo familiar patriarcal, nos moldes postulados por Gilberto Freyre, visto que seu objetivo mais evidente foi a destruição do mito da família patriarcal, é importante destacar a coexistência de outros modelos familiares. Nesse sentido, define-se que a família Meneses fora concebida por Cardoso tendo como base os modelos representados por Freyre e Candido¹, porém, em seu alicerce, a estrutura familiar dos Meneses difere da estrutura da tradicional família patriarcal. O intento de Lúcio Cardoso é iconoclasta, é destruir todos os ícones idealizados desse modelo familiar. Nesse sentido, não há uma relação de mero reflexo entre literatura e sociedade, há uma relação de troca e influência.

Antônio Candido, no artigo “The Brazilian Family” (1951), também aborda esse modelo de família patriarcal, que, em muitos momentos, se encaixa na forma como Lúcio Cardoso constrói a família Meneses. Aparentemente, o que a família Meneses tenta fazer é manter estratificadas as posições dos seus membros, só que isso não é mais possível, pois o romance se passa em um tempo impreciso das primeiras décadas do século XX, época na qual a família patriarcal já estava em franco declínio em função da ascendência do processo, mesmo que incipiente, de industrialização, processo que suplantará o poder econômico e de

¹ Contraindo-se à visão desses autores, Corrêa (1994, p. 19) afirma que, no texto de Freyre, há uma espécie de “homogeneização histórica”. O trabalho de Corrêa atua no sentido de mostrar que essa família patriarcal, que segundo Freyre dominara o Brasil entre os séculos XVI e XIX, não foi o único modelo familiar presente na construção do país. Como postula Corrêa (1994, p. 27): “A ‘família patriarcal’ pode ter existido, e seu papel deve ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira”. Corrêa não apresenta uma visão dualista do processo de formação do país, contraindo senhor e escravo ou a família patriarcal e a massa de anônimos sem normas e regras, mas postula que coexistiram vários modelos familiares ao longo da formação da sociedade brasileira.

mando dos grandes latifundiários, cujo lastro estava centrado na posse da terra. Nessa perspectiva, Barros (1999) afirma que:

[...] a Chácara dos Meneses, apesar de não estar explicitamente enunciado, insere-se num tempo histórico bem definido: as primeiras décadas do século XX, quando se inicia um intenso processo de industrialização no Brasil e Minas sente novamente o problema da decadência. Todo o movimento econômico-social transfere-se do campo para a cidade. Inicia-se um grande êxodo que esvazia as regiões rurais, levando-as quase à extinção² (BARROS, 1999, p. 80).

Ou seja, tentar manter as relações e posições familiares estratificadas é, de certa forma, cavar o fim da família, pois essa estratificação não se sustenta mais na primeira metade do século XX. Os Meneses sentem que essa estratificação não é mais possível, tanto que se mudam da tradicional Fazenda da Serra do Baú – símbolo da casa-grande – para uma Chácara que se situa em um entrelugar implausível entre a casa-grande e o sobrado. Essa mudança é o prenúncio mais evidente da decadência dos Meneses, deixar a Fazenda, com seu passado de glórias e prestígio, os transforma em meros chacareiros, conforme define Fortes:

A defasagem dos Meneses em relação às suas contingências sócio-históricas é evidenciada na forma inconsequente com que eles se transferem da fazenda para a Chácara. Esta transferência indica, dentre outras coisas, a incapacidade da família de zelar e garantir seu espaço.³

Apesar da percepção da modificação da sociedade e da impossibilidade de reter o tempo no qual foi uma família verdadeiramente ilustre, os Meneses não tentaram, no entanto, realizar a passagem da sociedade patriarcal para a burguesa urbana, pois eles mantiveram as regras rígidas e petrificantes propostas pela sociedade tradicional patriarcal. Tal passagem poderia representar uma frustração, mas seria a única alternativa de salvação financeira. Ao se agarrarem a uma ordem econômica e social prescrita, eles decretam sua irreversível decadência, cujo fim, como afirma Barros representa “[...] um protótipo da Tradicional Família Mineira, tão bem conhecida do autor, profundamente arraigada às tradições, que fornecem a segurança e as certezas, mas atreladas a uma ordem social em ruínas”⁴.

Nesse sentido, afirma-se que a tragédia dos Meneses ocorre pela incapacidade que apresentam de se adequarem ao seu tempo histórico, pois vivem de um passado de glórias que

² BARROS, Marta Cavalcante. “Crônica da casa assassinada: uma sobrevivência de coisas idas”. Revista *Múltipla* – vol. 4 – n° 6, Julho de 1999: Brasília, p. 80.

³ FORTES, Rita Felix. *Tempo, espaço e decadência: uma leitura de O som e a fúria, Angústia, Fogo morto e Crônica da casa assassinada*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010, p. 93.

⁴ BARROS, Op. cit., p. 80.

há muito se extinguiu e esse apego que, principalmente Demétrio, o primogênito, tem pela tradição, é um apego ao tempo perdido, impossível de reter.

Demétrio, como “chefe” do clã Meneses, é a personagem mais apegada à tradição e ao passado da família. Nesse sentido, compreende-se o choque de personalidades entre ele e Nina, sua concunhada, pois ele simboliza a mineiridade, o culto à família, às regras e aos costumes ultrapassados. Já Nina, carioca, de família pobre e sem qualquer lastro de tradição, representa o desapego aos laços familiares estreitos e à tradição. Nina e Demétrio são personagens antagônicas. Segundo Barros, “[...] enquanto ele representa o mundo rural e aristocrático, em completa agonia, Nina representa o novo, a possibilidade de mudança e renovação, mas que é violentamente repelida e destruída”⁵. A relação entre dois seres tão diferentes só poderia ser de estranhamento e curiosidade, em que ambos se repelem, mas a beleza e a vivacidade de Nina despertam a paixão de Demétrio: sentimento que ele se esforça por sufocar em função do seu apego à casa, à família – não por amor, mas por dever – e à tradição.

Demétrio, em certa medida, se encaixa no conceito de figura patriarcal apresentada por Gilberto Freyre e por Antônio Candido: um homem rude e com alto senso de dignidade. Candido define o patriarca como “[...] a man of rude customs and possessing a high sense of his own dignity”⁶. O patriarca é aquele que defende sua família e suas posses. Freyre enfatiza a rudeza de caráter do senhor patriarcal: “[...] o senhor rural mais pervertido pelo isolamento, este desprezava tudo, pelo regalo de mandar sobre muitos escravos e de falar gritando com todo mundo”⁷. O século XX não é mais o tempo desses senhores rurais, donos de terras, esposas, amantes, filhos e escravos, porém se sabe que traços desses homens arcaicos, descritos acima, ainda persistem em muitas partes do país.

Como patriarca, defensor da família e da casa, Demétrio precisa de uma esposa que também se encaixe nos seus moldes, tanto que, para casar-se com Demétrio, Ana sofre um processo de adestramento, para tornar-se uma exemplar esposa patriarcal, uma mulher submissa e sem vida. Ocorre, porém, que essas mulheres exerciam importante papel dentro de suas casas, conforme elucida Candido: “The wife directed the work of the slaves, in the

⁵ BARROS, Op. cit., p. 84.

⁶ Um homem de costumes rudes e que possui um alto senso de sua própria dignidade (tradução nossa). CANDIDO, Antônio. “Brazil: portrait of a half continent”. In: SMITH, Lyn; MARCHANT, Alexander (Org.). *The Dray Press*. New York, p. 292.

⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 76.

kitchen as well as in spinning, weaving and sewing”⁸. Como se observa, o trabalho feminino era, no entanto, restrito aos afazeres domésticos, enquanto ao homem ficava a incumbência de prover a família. Por mais ultrapassado que esse sistema possa parecer, Ana e Demétrio ainda apresentam fortes resquícios daquela época: ela sendo a esposa submissa, ele sendo o patriarca rude e tradicional. Nesse sistema patriarcal há um padrão duplo de moralidade, conforme discute Freyre:

O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa [...] limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E, uma vez por outra, num tipo de sociedade Católica como a brasileira, ao contato com o confessor.⁹

Ana e Demétrio vivem sob a égide do patriarcalismo. Tanto é assim que as narrativas de Ana se concretizam por meio de confissões, ou seja, o contato que tem com as pessoas se restringe aos moradores da Chácara e ao confessor, confirmando o modelo de mulher patriarcal analisado por Freyre, modelo segundo o qual o homem seria o centro da estrutura familiar. Contrastando com a visão de Freyre, a pesquisadora Corrêa afirma que:

Novas pesquisas indicam que a família patriarcal não pode mais ser vista como a única forma de organização familiar do Brasil colonial e sugerem que a colocação da figura do homem no centro de uma unidade doméstica [...] parece ser também uma ilusão.¹⁰

Quando o texto se atém, neste estudo, a uma outra perspectiva sobre a formação da família patriarcal, não se está afirmando que em *Crônica da casa assassinada* se faz presente esse outro modelo, mas que Lúcio Cardoso se atém ao modelo mais tradicional para desvelar que seus alicerces estão ruindo e serão as personagens femininas aquelas que desencadearão a consumação final da família e da Chácara.

Os Meneses são um amálgama de família patriarcal, representada pelas figuras de Demétrio e Ana, com a moderna família conjugal, na qual o homem não é mais o centro, conforme se observa na relação entre Nina e Valdo. Corrêa cita que a transformação dessas famílias patriarcais em modernas famílias conjugais se dá por decadência:

[...] a ‘família patriarcal’ – um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e

⁸ A mulher dirigia o trabalho dos escravos, na cozinha assim como na fiação, na tecelagem e na costura. (CANDIDO, Op. Cit., p.295)

⁹ FREYRE, Op. Cit., p. 125.

¹⁰ CORRÊA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira”. In: *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 34.

um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais. Ela se instala nas regiões onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção [...] mantém através da incorporação de novos membros, de preferência parentes, legítimos e ilegítimos, a extensos clãs que asseguram a indivisibilidade de seu poder, e sua transformação dá-se por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais.¹¹

O que ocorre com os Meneses está em conformidade com a citação de Corrêa. Com o advento da industrialização e a queda dos senhores rurais, a alternativa encontrada pela família é deixar a fazenda da Serra do Baú e instalar-se na Chácara, mais próxima da cidade, da modernidade e da “urbanização”. Ocorre, porém, que os Meneses deixam a fazenda, mas não abandonam o ar de superioridade que os caracteriza, nem tentam se ajustar à nova ordem econômica e social. Nina, por ser um elemento externo à família, tem uma visão muito mais ampla da decadência financeira na qual os Meneses se encontram: “Tivessem feito o que eu tanto apregoei, liquidado a casa, vendido os trastes, diminuído a criadagem, loteado as terras e entrado em acordo com o resto dos credores, não estaríamos agora na situação de...”¹². A atitude de Nina é, no entanto, uma afronta aos soberbos Meneses, pois, admitir que eles se encontravam à bancarrota seria tomar consciência da consumação final da família.

Os Meneses, além de não admitirem a derrocada financeira, primam pela estratificação dos membros da família, como citado anteriormente, sem se aperceberem que, além da falência econômica, há muito faliram moral e eticamente. Quando os filhos não são, de fato, de quem aparentam ser não há mais qualquer sustentação possível.

A família tradicional era formada, geralmente, pelo *pater familias*, esposa e filhos oficiais, bem como, em muitos casos, pelos filhos bastardos. Estes, na maioria das vezes, não eram reconhecidos pelos pais ou, então, recebiam algum apoio velado, mas não publicamente. Quanto aos filhos legítimos: sobre estes não poderiam pairar dúvidas quanto à paternidade. Os Meneses fogem a essa formação, pois, apesar de acharem que eram pai e filho, André não era filho de Valdo, marido de Nina, mas sim de Alberto, um antigo jardineiro da Chácara. Assim, portanto, o sangue Meneses não irá se perpetuar, pois os irmãos Valdo, Demétrio e Timóteo não tiveram descendentes. Nessa perspectiva, Fortes postula que:

Os últimos Meneses, embora todos varões, são incapazes de, no presente, perpetuar a sua descendência, o que projetaria para o futuro a herança familiar herdada do passado. Eles são, indiscutivelmente, o ponto final de uma história que, ao distender-se ao máximo ao longo do tempo, perdeu a vitalidade capaz de projetá-la em direção ao futuro, restando-lhes apenas rememorar, no presente, o passado perdido. Há que

¹¹ CORRÊA, Op. Cit., p. 15.

¹² CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica, coordenação de Mário Carelli. 2.ed. São Paulo: ALLCA XX, 1996, p. 35.

se destacar que André não é um Meneses de fato, portanto, não representa a continuidade Meneses ao longo do tempo.¹³

Além do fato de não terem descendentes, a família Meneses é composta, também, por membros que não se encaixam no modelo tradicional patriarcal, como é o caso de Timóteo e de Nina. Da perspectiva da família, Timóteo – a despeito de descender de Maria Sinhá – é um ser inqualificável e isolado, como um “tumor moral”, dada sua homossexualidade e à sua necessidade de vestir-se como uma mulher. O que era inadmissível para um patriarca como Demétrio, que considerava Timóteo uma aberração. Há tal desacerto entre eles que Timóteo fica encerrado em seu quarto, sem ter contato com os irmãos.

A despeito – ou talvez por isso – do seu apego à tradição, essa família é, no entanto, formada por seres periféricos, que não se enquadram na estrutura patriarcal mais convencional. Essa dissonância tem, porém, amplo respaldo nas estórias das tradicionais famílias mineiras, prenes de estórias prosaicas e ou escabrosas. Lúcio Cardoso corrobora a afirmação de Guimarães Rosa, segundo a qual: “[...] de Minas tudo é possível. Viram como é de lá que mais se noticiam as coisas sensacionais ou esdrúxulas, os fenômenos?”¹⁴

Ao casar-se com Nina, Valdo já começa a modificar a estrutura familiar, pois ela é um elemento estranho àquela estrutura rígida. Segundo Corrêa (1994), a finalidade do casamento no período patriarcal era a manutenção de uma propriedade comum, ou seja, não se casava por amor, mas para que os negócios familiares fossem mantidos e prosperassem. O casamento de Ana e Demétrio não deixa de se encaixar nessa estrutura, porém a união entre Nina e Valdo rompe com esse modelo.

Nina traz a rua para a casa, tem outros códigos de comportamento e são códigos que se chocam com os dos Meneses. Seu comportamento mais livre vai de encontro, principalmente, à postura de Demétrio. Enquanto ela representa o mundo da rua, ele representa e resguarda a tradição familiar. Nesse sentido, define Damatta (1997, p. 14), “[...] a idéia de um destino em conjunto e de objetos, relações, valores [...] que todos do grupo sabem que importa resguardar e preservar. Disse que isso se chamava tradição”¹⁵. Segundo o autor, o mundo da casa representa honra e tradição, enquanto na rua não há amor, proteção, nem respeito. Nina representa o mundo da rua, enquanto Demétrio o da casa, o que faz com que ocorra o choque entre as personagens, que apresentam valores e personalidades opostas. Como define Damatta (1997, p. 29), “O fluxo da vida, com suas contradições, durezas e

¹³ FORTES, Op. Cit., p. 208

¹⁴ ROSA, João Guimarães. *Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. II, p. 1162.

¹⁵ DAMATTA, O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 14.

surpresas, está certamente na rua”¹⁶. Nina traz para a Chácara Meneses o fluxo da vida, fluxo que não está de acordo com a honra e a tradição que Demétrio se esforça por manter.

Por trazer esse fluxo distinto de vida para dentro da casa Meneses, Nina é a personagem que destoa e causa tanta estranheza nos demais moradores da Chácara. Como representante da ”honra e da tradição”, Demétrio preocupa-se em salvaguardar a casa de possíveis “perigos” da rua e Nina seria um desses perigos, pois, na visão de Demétrio, ao entrar para a família, a cunhada faz com que eles rompam com a estratificação familiar, visto ser ela um elemento estrangeiro, que contrasta com os Meneses. Sendo assim, Demétrio e a casa formam um todo indissociável e, quando a decadência da família se consuma, essa consumação atinge, também, a casa. Nesse sentido, Fortes define que:

Lúcio Cardoso atribui ao espaço no qual estão inseridas as personagens o valor simbólico de elemento aglutinador do comportamento secular da família patriarcal. Este comportamento, pautado num rígido código de honra, com a decadência econômica que grassou essa sociedade entre o final do século XIX e o primeiro quartel do século XX, sofrerá, concomitantemente à derrocada econômica, um forte abalo ético e moral.¹⁷

Os Meneses não sabem como lidar com sua derrocada financeira, visto que esta faz aflorar o que há de mais nefasto na personalidade de cada personagem, portanto à derrocada financeira somam-se a ética e a moral.

Nina não é a única a não se adaptar ao rígido código de conduta dos Meneses. Timóteo também não se encaixa na família, por isso é deixado de lado, como um ser maldito e alijado da família. Justamente por não se enquadrar nos parâmetros dessa família, por romper com a tradição, é que ele se identifica com Nina. Um fato relevante em relação a Timóteo é que, segundo ele, se fosse de sua vontade, suas joias poderiam salvar a família da derrocada final para a qual caminhavam: “Sozinho, retiro-as do seu esconderijo e [...] brinco com elas sobre esta cama, e rolo em minhas mãos pedras que fariam a fortuna da família toda, mas que jamais abandonarão este quarto, pelo menos enquanto eu viver”¹⁸. Essa atitude de Timóteo representa um importante passo para a sua completa vingança contra os irmãos, pois ele estava ciente da derrocada financeira da família e sabia que as joias que guardava com ele poderiam representar a salvação financeira dos Meneses.

Nina, por não ser uma Meneses e apresentar uma conduta diferente dos outros moradores da Chácara, auxilia no processo de queda das máscaras Meneses. Demétrio, o

¹⁶ DAMATTA, Op. Cit., p. 29.

¹⁷ FORTES, Op. Cit., p. 88

¹⁸ CARDOSO, Op. Cit., p. 57.

detentor da honra e da tradição, movido por sua paixão pela cunhada, induz Valdo à tentativa de suicídio. Essa atitude de Demétrio revela a mesquinhez de seu caráter e a inabilidade para lidar com o que sentia por Nina.

Outro momento importante, que revela que os Meneses não eram o que aparentavam ser, é a revelação de que André é filho de Ana e Alberto e não de Valdo e Nina. Durante toda a narrativa, Ana condenara a concunhada por cada um de seus atos, porém ela não era a esposa submissa e correta que aparentava ser, mas, sim, uma mulher adúltera, que não consegue conter seu desejo pelo jardineiro, desejo esse nascido do despeito que ela sente pela liberdade de Nina, que tornara-se amante de Alberto, pois antes disso ela jamais prestara atenção ao jovem jardineiro. Somente quando está morrendo, muitos anos após a morte de Nina, a “fuga” de André e a partida de Valdo da Chácara, é que Ana revela ao Padre Justino que ela era a verdadeira mãe de André. O segredo deixa o Padre estarecido, pois justo ela, a esposa exemplar, moldada de acordo com as orientações do patriarca, fora capaz de guardar um segredo que, se revelado, teria abalado ainda mais os alicerces da família. Tal segredo é guardado por Ana como um triunfo e como uma vingança contra a família. O mais aterrorizante é que ela não se sente culpada por não ter revelado o segredo a André, deixando que seu filho acreditasse que havia praticado incesto ao ter um relacionamento com Nina. Dessa forma, antes de sua morte, Ana revela: “Padre, tudo isto eu fiz. André era meu filho, e não dela”¹⁹.

E para Ana não há salvação, visto que ela não sente remorso por ter guardado esse segredo durante tanto tempo e nem gratidão por Nina não tê-lo revelado. A confissão de Ana demonstra que os pilares de sustentação da família Meneses há muito estavam minados, pois já em sua base havia a maldição de Maria Sinhá, cujos desdobramentos se confirmam no tempo presente da narrativa.

Maria Sinhá é a famosa antepassada dos Meneses, antepassada que eles se esforçam por esconder e esquecer. Demétrio há muito ordenara que a pintura retratando Maria Sinhá fosse retirada da parede da sala e guardada no porão da casa. Ao retirar o retrato de Maria Sinhá da sala, Demétrio procura livrar-se de uma parte que ele considerava vergonhosa no passado de sua família, porém é uma tentativa frustrada, pois a maldição que cerca os Meneses já estava presente desde os tempos de Maria Sinhá, que fora uma virago – mulher que se comporta como homem – que se comportava como homem e seus mandos e desmandos foram notórios e povoam tanto a crônica familiar quando as estórias de Vila

¹⁹ CARDOSO, Op. Cit., p. 575.

Velha. Maria Sinhá fora uma mulher que exercera o mando patriarcal em uma época dominada por homens, o que a tornara uma virago. É o fato de ter sido considerada uma mulher diferente para seu tempo que envergonha Demétrio e faz com que ele se livre do retrato da antepassada.

É com Maria Sinhá que se inicia a maldição que segue a família Meneses, portanto, ao afirmar que estava possuído pelo espírito desta ancestral, Timóteo reafirma a maldição que paira sobre a família. É para Betty que Timóteo confessa ser dominado pelo espírito da matriarca: “Sou dominado pelo espírito de Maria Sinhá. Você nunca ouviu falar de Maria Sinhá, Betty?”²⁰

A tentativa dos Meneses de reter o tempo e de manter sua perdida distinção é totalmente inútil, pois o percurso tanto histórico quando individual, assim como as mudanças que ele acarreta, é irreversível e o modelo perseguido por eles é um modelo que há muito entrou em decadência. Por meio dos Meneses, Lúcio Cardoso radicaliza o que Machado de Assis prenunciara no século XIX. Ao analisar a obra machadiana, no que se refere à nova classe social que surge e entra em ascensão, em contraposição à classe em declínio, Faoro analisa que:

[...] a vida não seria impossível, no sentido geral de um grupo, sob as novas condições. Ela seria apenas diferente, menos cômoda, – o que gera tristeza, melancolia, ressentimento. Há uma geração que não se adapta às novas circunstâncias, com o ocaso de uma classe e seu sistema, de um estamento e seu estilo de vida.²¹

Os Meneses, cujo arquétipo é Demétrio, pertencem àquela geração que não se adapta ao modelo urbano de sociedade. A inadaptação é o que causa o seu fim, pois são muito centrados em si mesmos e tal autocentramento fez com que eles não vislumbrassem alternativas para sair da situação de decadência financeira e moral na qual se encontravam. Não é de se estranhar, porém, essa tentativa dos Meneses de reter o passado e permanecer na posição de prestígio outrora desfrutada. Holanda define que, apesar de ainda subsistir esse modelo familiar, este “tenderia a desaparecer devido às novas exigências sociais”²². A obra de Sérgio Buarque de Holanda foi publicada em 1936, portanto remete ao modelo de sociedade daquela época. Como o autor postula, o modelo familiar por ele indicado tenderia a desaparecer devido às exigências do novo modelo de sociedade. Essas famílias, centradas

²⁰ CARDOSO, Op. Cit., p. 54.

²¹ FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976, p. 355.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1963, p. 143.

apenas em si mesmas, são um modelo que já não existe mais. O que ainda subsiste são famílias que apresentam alguns traços semelhantes aos dos Meneses, porém são apenas traços daquele modelo familiar tradicional.

Na época na qual o clã Meneses detinha certo poder, as relações interpessoais se davam de uma forma particular, o respeito e o poder eram a base das relações, porém, com as modificações sofridas pela sociedade, a base das relações passa a ser o aspecto monetário, o que não deixa de ser, também, um aspecto relacionado ao poder. Nesse percurso, o valor atribuído à posse das terras entra em declínio, a sociedade capitalista valoriza quem tem mais dinheiro e, independentemente do nome e da tradição, será este o principal lastro, inclusive social. Nesse sentido, Faoro define que o “[...] prestígio substituíra o respeito: o respeito fora o reflexo do caráter sobre a opinião; o prestígio era o reflexo da situação que o homem de Estado ocupava ou podia ocupar”²³. Sem dinheiro, sem ocupar um cargo importante no Estado, os Meneses, gradativamente, estariam migrando para o grupo dos que não “merecem” o respeito dos demais.

Com o tempo, acentua-se a decadência da família e da casa, como observa Nina, ao retornar à Chácara Meneses, quase vinte anos após sua partida:

A casa é a mesma, mas a ação do tempo é bem mais visível: há outras janelas que não se abrem mais, a pintura passou do verde ao tom escuro, as paredes gretaram-se por esforço da chuva e, no jardim, o mato misturou-se às flores.²⁴

Ou seja, a passagem do tempo degradara a casa na mesma proporção em que se acentuara a derrocada financeira dos Meneses, pois, com o passar do tempo, a família acabara por endividar-se mais. Endividados, a alternativa encontrada foi liquidar os bens, conforme narra Betty:

[...] pois logo hoje tinha ele necessidade de ir a Vila Velha, a fim de acertar contas com o Banco. (Ouvi dizer também que lá o esperava um fazendeiro de Mato Geral, disposto a comprar as terras da Benfica, que, por serem ruins e desaguadas, até agora não havia encontrado quem as quisesse).²⁵

Através da afirmação de Betty depreende-se que os Meneses estavam tentando vender até mesmo as terras inférteis e sem fonte de água, para as quais não haviam encontrado ainda comprador – situação que confirma a decadência da família. Pressionados pelo Banco – que, em certa medida, substituiu impessoalmente o poder econômico que, até o século XIX,

²³ FAORO, Op. Cit., p. 356.

²⁴ CARDOSO, Op. Cit., p. 140.

²⁵ CARDOSO, Op. Cit., p. 157.

estava centrado nos senhores de terras – eles ainda tentam vender seu patrimônio, na tentativa de sobreviver.

Betty, a governanta, por ser alguém de fora, mas que trabalha para a família, sabe da situação econômica dos Meneses e, apesar de muito discreta, não tem o pejo da família em falar das dificuldades financeiras. Como Betty vive há anos na Chácara, sendo a governanta de confiança da família, transita entre os Meneses e sabe de tudo que se passa com a família.

Aquele tom reavivava uma atmosfera em que eu me debatera durante toda a minha vida: investimentos fracassados, operações bancárias mal alicerçadas, empréstimos que jamais eram reembolsados, enfim toda uma série de desastres financeiros que fizera a família chegar à situação em que agora se encontrava.²⁶

Assim como a afirmação de Betty, a narrativa de Valdo evidencia que há tempos a família se debate entre fracassos, o que confirma sua bancarrota. No primeiro jantar, após a chegada de Nina, recém-casada com Valdo, Demétrio esclarece qual era a situação da família para a qual ela acabara de entrar:

Não vê? Pois olha, você sabe muito bem o que representamos: uma família arruinada do sul de Minas, que não tem mais gado em seus pastos [...] e não produz nada, absolutamente nada, para substituir rendas que se esgotaram há muito.²⁷

O objetivo de Demétrio é atingir a cunhada, mostrar a ela que, se havia se casado com Valdo pelo dinheiro, se equivocara, mas, ao tentar atingir Nina e Valdo, Demétrio não deixa de retratar a realidade sobre a situação financeira na qual se encontrava a família. A partir das discussões que ocorrem ao longo do jantar, acirram-se os ânimos entre Nina e o casal Demétrio e Ana, determinando os laços de ódio entre eles.

Nina observa bem a derrocada da família e opina sobre a situação financeira dos Meneses, porém suas opiniões são uma afronta, principalmente para Demétrio, que prefere tentar ignorar a inevitável derrocada, mesmo sabendo que, dificilmente, os Meneses conseguiriam se reerguer. Ao tentar manter o prestígio e o donaire, Demétrio utiliza sua máscara de patriarca, sempre preocupado em manter a honra e a tradição. Ele, porém, não é o único a utilizar máscaras. Todos os moradores da Chácara se escondem atrás delas, pois, gradativamente, de acordo com quem narra, vão sendo reveladas as reais condições econômicas e morais da família.

²⁶ CARDOSO, Op. Cit., p. 465.

²⁷ CARDOSO, Op. Cit., p. 66.

O deslocado patriarca, no momento da morte da cunhada, mostra toda a loucura e soberba que o havia dominado. Reafirma-se, portanto, que as tentativas dos Meneses, principalmente as de Demétrio, de tentar reter o tempo e de manter estratificadas as posições dos membros de seu clã são tentativas frustradas, pois há, na estrutura familiar dos Meneses, uma desordem que destoa dessa estratificação, tornando-a impossível. Por não saberem lidar com essas impossibilidades, os Meneses decretam a tragédia familiar e, conseqüentemente, seu irreversível fim.

Referências

BARROS, Marta Cavalcante. “Crônica da casa assassinada: uma sobrevivência de coisas idas”. Revista *Múltipla* – vol. 4 – nº 6, Julho de 1999: Brasília.

CANDIDO, Antônio. “Brazil: portrait of a half continent”. In: SMITH, Lyn; MARCHANT, Alexander (Org.). *The Dray Press*. New York: 1951, p. 292-312.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica, coordenação de Mário Carelli. 2.ed. São Paulo: ALLCA XX, 1996. (Coleção Archivos).

CORRÊA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira”. In: *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FORTES, Rita Felix. *Tempo, espaço e decadência: uma leitura de O som e a fúria, Angústia, Fogo morto e Crônica da casa assassinada*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

_____. “Algumas representações da imagem feminina na prosa brasileira”. In: ALVES, Lourdes Kaminski & CRUZ, Antônio Donizetti (Org.). *Poética e Sociedade: Interfaces Literárias*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2008.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1976.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.

ROSA, João Guimarães. *Guimarães Rosa: ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. I e II.

[Recebido em março de 2011 e aceito para publicação em maio de 2011]

The ruin of the house and the decline of the family

Abstract: This study aims to analyze the relation between the ruin of the house and the decline of the Meneses family, in the novel *Crônica da casa assassinada*, published in 1959 by Lúcio Cardoso. The tragedy of the Meneses family occurs because they do not try to realize the passage of patriarchal family to bourgeois modern family. Therefore, they can not adapt themselves to their historical time and this causes the family ends. Gilberto Freyre (2000), Antônio Candido (1951) and Mariza Corrêa (1994) principles will be used to base this analysis.

Keywords: ruin; decadence; *Crônica da casa assassinada*.

